

Carnaval, a massa entre a communitas e a estrutura

Denise dos Santos Rodrigues

Doutoranda do PPCIS/UERJ, vinculada à Linha de Pesquisa Religião e Movimentos Sociais em Perspectiva, Mestre em Ciência Política pelo IUPERJ

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre o comportamento da massa festiva de Elias Canetti(2005) à luz da teoria de Victor Turner (1974) sobre os processos rituais, presentes não só no terreno religioso, mas nos vários momentos da vida cotidiana. Para estabelecer o diálogo entre esses dois autores recorreremos a um evento de massa que também é estudado como um ritual. Trata-se do Carnaval, que mobiliza oficialmente, durante três dias, entre fevereiro e março, populações de todo o Brasil e do exterior. Ele é um tipo de massa festiva que, de acordo com Roberto da Matta (1983:41) constitui, ao lado da Semana Santa e do dia da Pátria, o “Triângulo Ritual Brasileiro”, decretando uma trégua na rotina diária do país através da realização de uma festa tradicional popular.

A importância do estudo do ritual, segundo esse autor, está na sua capacidade de dramatizar o mundo, auxiliando na análise da estrutura social, porque é nele que a realidade “se desdobra diante dela mesma, mira-se no seu próprio espelho social e ideológico, projeta nas próprias imagens de si própria” (DA MATTA, 1983:35). Nessa perspectiva, ele reproduz aspectos da cultura brasileira, dramatizando valores globais, críticos e abrangentes da sociedade. Através da sátira, da ironia, do humor, ele dá a consciência do real. Esse pensamento segue em direção ao de Victor Turner (1974:19), que indica que são as práticas rituais que dão os indícios decisivos para a compreensão do pensamento e do sentimento das pessoas.

A relevância do Carnaval reside, então, na sua singularidade, por apresentar-se como um grande rito de passagem¹ situado no tempo cósmico² uma festa profana, completamente informal que interrompe o cotidiano de um país com uma mudança radical do comportamento das pessoas. Ao contrário de outros rituais, como o do Dia da Pátria, que reproduz princípios hierárquicos, separando povo e autoridades, com um discurso envolvendo aspectos rotinizados da ordem social, o Carnaval permite toda a sorte de quebra de protocolos e inversões. Distante dos eixos hierárquicos, seu discurso é voltado para aspectos ambíguos, enfatizando a dissolução do sistema e de posições sociais. Ele está impregnado de metáforas, de fantasias que têm duplo sentido. Ao mesmo tempo que elas escondem seu portador, protegendo a pessoa do papel ali desempenhado, satisfazem suas ilusões, separando sua posição no ritual dos outros papéis desempenhados na vida diária. Com isso, elas acabam revelando mais do que escondendo porque cada fantasia representa um desejo, estabelecendo uma síntese entre o fantasia e o papel desempenhado. Os personagens recriam um campo social polissêmico, onde há lugar para todos.

Curiosamente esse ritual tão informal, que poderia terminar numa simples dispersão, como no Desfile do Dia da Pátria, se encerra num ritual religioso, sagrado, formal, que é a missa de Quarta-Feira de Cinzas. Isso mostra que, terminado seu ciclo, a massa profana dissipa-se para que a cidade retome sua

rotina, reiniciando-a através da retomada de contato com o sagrado, com uma manifestação religiosa que prenuncia um período de 40 dias de expurgação de todos os pecados, desfazendo todas as inversões permitidas durante aquele período. A massa é, portanto, transitória e, mais cedo ou mais tarde, acaba se desfazendo.

AS FORMAÇÕES DE MASSA

Superficialmente, o termo massa lembra multidão, público, que se confundem muitas vezes, mas cujos significados são distintos. Conforme Gabriel Tarde (1992:29) o termo multidão muitas vezes é utilizado equivocadamente para designar todos os agrupamentos humanos, sendo confundido, muito frequentemente, com público. Para ele, embora eventualmente um possa ser utilizado para designar o outro, o termo público se aplica a uma coletividade de indivíduos fisicamente separados, cuja coesão é mental. Multidão, por sua vez, é aquela na qual os indivíduos se afastam tanto a ponto de não se verem, não estando associados, o que confere a ela algo de animal. Para Tarde o público nasce de uma multidão, o que determina sua fisionomia. Outro autor interessado no tema, Serge Tchakhotine ratifica essa existência de uma confusão sobre o sentido das noções de massa e multidão, o que precisa ser esclarecido. Segundo ele, uma multidão é sempre uma massa, embora uma massa de indivíduos não seja, necessariamente, uma multidão. Ele alega que a massa está topograficamente dispersa, não tendo os indivíduos um contato corporal imediato, o que a distingue do ponto de vista psicológico, da multidão. Contudo, há um elo ligando os elementos de uma massa, que é uma certa homogeneidade de sua estrutura psíquica, “determinada por uma identidade de interesses, de meio, de educação, de nacionalidade, de trabalho, etc.” (TCHAKHOTINE, 1967:147). Canetti (2005) não se prende a essas distinções, definindo a massa como um fenômeno com o qual todas as pessoas se deparam um dia na vida, mais cedo ou mais tarde, direta ou indiretamente, no qual ele se concentra

Para esse autor, a massa está inserida tanto na vida política quanto na cultural de um povo, o que inclui desde uma manifestação para reivindicações dos direitos humanos, protesto por uma opressão, que pode ser uma manifestação de descontentamento popular - como as massas de estudantes carapinhadas que saíram às ruas para pedir o impeachment de um presidente na década de 1980 -, até os grandes eventos religiosos, como as procissões, as comemorações cívicas, shows e eventos populares, como os carnavais, o que será mais detalhado adiante. Consideramos, então, aqui, a massa como um grande aglomerado de pessoas, dispersas e autônomas, concentradas num mesmo espaço físico, respondendo aos mesmos estímulos.

As formações de massa, conforme Elias Canetti (2005:14), permitem ao homem libertar-se do temor do contato com o outro ao anular sua consciência individual para assumir a da massa. Uma vez imerso na massa, o homem

está liberto tanto na sua constituição física quanto psíquica, que se soma à do outro, igualando-se dentro da variedade. Essa massa humana se movimenta como um grande e único corpo para atingir um determinado fim, que pode estar embuído de desencadear uma mudança sociopolítica ou de desfrutar do prazer da festa comum. Neste último caso, tratamos do que ele define como massa festiva, que tem seu fim em si mesma, que é de participar da festa e contribuir para seu sucesso, o que assegura que outras ocorram no futuro.

É preciso ressaltar, contudo, que essas massas são transitórias, elas se forma e se dissipam em horas, de modos diferentes (CANETTI, 2005, pp.14- 27). A sua formação, podendo nascer aberta ou fechada, é o que interfere na forma como ela se dissipa, mais ou menos facilmente. A massa aberta é espontânea, surgindo tão repentinamente quanto se desfaz; e uma vez que não tem limites, está sempre sujeita a influências externas, o que pode conduzi-la a um crescimento perigoso. A segunda, fechada, é fixa e tem fronteiras definidas, sendo por isso mais durável e de desintegração mais difícil; ela está protegida de influências externas, que podem ser hostis. Esse tipo de massa pode reunir-se novamente, de forma programada, combinada. Em sua constituição, a massa ainda pode ser classificada como de descarga, quando todos se desvencilham de suas diferenças hierárquicas, ou cargas, compondo um grupo momentaneamente homogêneo. Todos esses tipos de massas são reguladas pelo ritmo dos pés, pelas possibilidades de estancamento, pela lentidão ou lonjura da meta. Elas também podem ser analisadas de acordo com os sentimentos que as movem, entre os quais, a ânsia de destruição, em direção a um alvo; por um sentimento de perseguição, pânico, ou de domesticação, como pode ocorrer, por exemplo, nos grandes cultos religiosos visando a conversão dos homens, o que ocorre, sobretudo, devido à grande carga de emoção envolvida.

Reconhecendo, então, que a massa é movida por paixões coletivas, que também podem ser distribuídas por tipos distintos, de acordo com suas motivações, Canetti (2005, pp.46-66) as classificou da seguinte maneira: a) a massa de acossamento, que se move numa caçada até atingir seu objetivo; b) a massa de fuga, constituída a partir de uma ameaça que afugenta muitos; c) a massa de proibição, agrupada por uma necessidade de ataque, protesto; d) a massa de inversão, que se reúne para libertar-se, inverter as ordens, mudar as hierarquias. Essa última motivação, o mecanismo de inversão, está presente dentro da massa festiva carnavalesca, que é o fio condutor desse estudo. Essa inversão está referida à possibilidade da inversão de papéis sociais durante um jogo lúdico, um evento que pode funcionar como uma espécie de catarse, exprimindo desejos e críticas contidas dentro da formalidade do dia-a-dia. Não se trata, assim, da inversão revolucionária que, como exemplificado por Canetti (2005, pp.57-60), desencadeou a Queda da Bastilha, na França, apresentando-se como uma manifestação concreta contra o sistema vigente, impondo uma mudança social por meios violentos; mas sim de uma inversão pacífica de comportamentos e de posições, durante os dias de folia. O Carnaval, dentro desse espírito teatral,

concentra um discurso voltado para aspectos ambíguos que enfatizam, dentro da atmosfera da festa, a dissolução de papéis e posições sociais. É nesse exato momento da festa que tudo é permitido, desde a troca de sexos até a troca de posições e hierarquias, como num sonho ou numa encenação. Durante esse período programado, então, o pobre pode transmutar-se em nobre, instituindo uma trégua entre dominantes e dominados através da sátira.

O Carnaval como massa festiva

Dentro da teoria de Elias Canetti, o Carnaval se enquadra na atmosfera de uma massa festiva (CANETTI, 2005, pp.61-2). Segundo ele, ela é aquela que ocupa um espaço limitado e variado, no qual as pessoas compartilham de tudo o que há disponível, alimentos, bebidas, música, dança, produtos que são sempre reabastecidos para que a festa não termine e todos possam desfrutar dela o máximo possível. Na massa festiva os esforços são voltados para a criação de mecanismos para que o prazer não se esgote enquanto houver festa. Onde uma profusão de homens e mulheres estão reunidos, descontraidamente, onde não há ameaça, proibições, nem atmosfera de descarga. Diferentemente do movimento das massas de protesto, unidas em direção a uma alvo, nessa o movimento não é único, mas individual, da busca do prazer dentro da própria massa, que é a meta única de todos. E é o sucesso da festa que garante que ela se repita adiante.

Se pensamos no Carnaval como uma massa festiva, parece-nos mais apropriado usar o termo carnavalesco, uma vez que essas massas apresentam variações entre elas, principalmente na sua formação. Sendo um evento do calendário nacional, que ocorre simultaneamente em vários Estados do Brasil, podemos dizer que há uma grande massa carnavalesca que se agita em todo o Brasil durante o verão. Contudo, essa extensa massa não é tão homogênea na sua forma de celebração, podendo ser subdividida, de acordo com as suas especificidades, em massas regionais que, por sua vez se dividem em outras menores, organizadas por preferências e possibilidades de formação.

Temos, então, dentro da massa festiva nacional, várias outras regionais, diversificadas de acordo com as tradições e costumes locais, assim constituídas: a) aquelas dos bailes populares abertos, que ocupam as ruas dos bairros durante os dias de folia; b) as massas dos bailes carnavalescos fechados, dentro de grandes clubes onde o ingresso é limitado; e c) a massa de componentes das escolas de samba, contabilizados e ensaiados, que se deslocam das periferias para o Centro da cidade a fim de exibir o produto do trabalho de todo um ano. Convém ressaltar que tanto esse deslocamento, quanto a própria festa e sua preparação marcam o processo ritual do Carnaval, o que comporta desde a preparação do evento, da escolha do enredo, até a confecção de fantasias e alegorias, e ensaio dos componentes, numa seqüência de atividades que se encerram numa grande festa apoteótica. Esses três grupos se apresentam como facetas importantes e distintas desse grande fenômeno de massa.

Reavaliando as considerações de Canetti acerca da composição e comportamento da massa, entendemos que, em suas variações, o Carnaval pode apresentar características que, em alguns momentos, o afastam da massa fechada dos clubes sociais. No caso dos bailes populares, por exemplo, realizados em lugares públicos, sem fronteiras determinadas impedindo a fuga das pessoas, a massa festiva pode ser classificada como aberta, sujeita a pressões externas que podem ampliar suas dimensões. Essa possibilidade de expansão é decorada por uma atmosfera de prazer que atrai indivíduos variados para o espaço onde há música, alegria, prazer, onde não há regras, proibições, rigores nem hierarquias. Surge, assim, um clima de comunhão, igualdade, um *comitatus*, que pode ser explicado através de conceitos opostos importantes introduzidos pelo antropólogo Victor Turner (1974:119), como estrutura e não-estrutura ou *communitas*, que são, segundo ele, os dois principais modelos de comportamento humano.

Estrutura e não-estrutura no Carnaval

Para Turner, as sociedades são vistas como um sistema estruturado, diferenciado e hierarquizado no qual existem posições políticas, jurídicas e econômicas. Em oposição a esse modelo, há um outro, rudimentarmente estruturado e relativamente indiferenciado, que é uma comunidade ou comunhão de indivíduos iguais, que ele define como *communitas*. Esses dois modelos, *communitas* ou não-estrutura e estrutura estão presentes na vida social, composta de “homogeneidade e diferenciação, igualdade e desigualdade” (TURNER,1974:120). Reside, portanto, no primeiro, a natureza espontânea, o sentimento de harmonia, de igualdade entre elementos inversos, contrastando com a natureza formal governada por normas, obediência à autoridade, posições escaladas conforme o status, o que inclui desde aspectos sociais, econômicos até políticos (DA MATTA,1973:123).

Teoricamente, por sua natureza descontraída e desordenada, o Carnaval parece ser marcado por um sentimento de *communitas*, que é o observado nos bailes e no interior de cada ala de uma Escola de Samba. Em cada um deles emerge a interação entre diferentes grupos sociais, compartilhando um mesmo espaço em prol da vitória de um campeonato. Todos se empenham em absorver o melhor da festa e dar o melhor de si para que a Escola vença; ficam unidos, sem nenhuma remuneração concreta além do próprio prazer da festa. Esse prazer de participar também está presente naqueles que assistem ao desfile, mesmo somente como observadores da festa, torcendo por sua Escola. Está embutida aqui, então, uma polaridade entre ator e espectador.

Quando consideramos todo o esquema que envolve o Carnaval do Desfile das Escolas de Samba, detectando todos os esforços para sua organização, administração e divulgação, numa escala industrial, reconhecemos ali uma estrutura racionalizada, representada pela divisão do trabalho, com sua distribuição de tarefas e funções³. Essa mesma organização também está presente no

momento do desfile, nas regras de participação do campeonato, nos quesitos de julgamento e, principalmente, na gradação de visibilidade evidente nessa superprodução na qual se configura a primazia do visual. Aqui estão inseridos, desde a distribuição dos componentes dentro das alas, em posições de maior ou menor destaque, até a passagem das Escolas pelos setores mais e menos privilegiados, mais populares até os mais abastados, para chegar ao ápice do desfile, que é a Praça da Apoteose. Conforme Maria Laura Cavalcanti (1994: 57) há,

“na organização do espaço do Sambódromo numa hierarquia de visibilidade, onde os melhores lugares, que permitem a visão da evolução de toda a escola na pista, são os mais caros”.

Nessa mesma perspectiva, na passagem do cortejo, os integrantes exibem fantasias mais ou menos caras, com maior ou menor destaque, portanto, se enquadrando dentro dos padrões diferenciados de visibilidade. Mas essa hierarquia de visibilidade não está só presente na estrutura da Passarela do Samba ou nas posições ocupadas pelos componentes dentro das Escolas de Samba, mas também na ordem do desfile, influenciada pela classificação das Escolas no ano anterior. O visual impera em todos os momentos do Desfile.

Diferente de um bloco ou rancho carnavalesco, solto nas ruas da cidade, uma Escola de Samba não passa tão livre e displicentemente, com seus componentes pela avenida, mas com o passo marcado, uma composição cênica altamente elaborada e toda uma preocupação com a competição. Ela deixa de ser constituída por uma aglomeração quase espontânea de pessoas para tornar-se uma equipe, que obedece a regras, coreografias, que se exhibe dentro de um tempo cronometrado, no local apropriado. Nesse momento, são atores desempenhando papéis para a platéia de espectadores, para o público. Diante de tantas regulações e intermediações, não se torna viável atribuir ao conjunto de uma Escola de Samba o sentimento de *communitas*, que deve estar livre de critérios e de regimentos impostos por uma estrutura racional inerente a todas as organizações envolvidas em competições.

Esse é o momento no qual a festa popular se torna um espetáculo internacional, exibido para todo o mundo através de redes de televisão, onde a massa festiva substitui o prazer da festa pela festa pelo prazer de disputar as melhores colocações numa disputa, ganhando o troféu do melhor do ano. Podemos dizer, assim, que essa modalidade de Carnaval, sob a forma do Desfile das Escolas de Samba, requer toda uma organização empresarial, uma estrutura administrativa e financeira que envolve uma clara divisão de funções, como ocorre no mundo do trabalho. Essa constatação ratifica o distanciamento dessa modalidade de Carnaval da definição de Canetti de massa festiva, na qual o prazer é um fim em si mesmo, para posicioná-lo como uma equipe tecnicamente organizada, como “uma arena de enfrentamento”. Diante de tudo isso, concluímos que no Carnaval das Escolas de Samba a noção de massa homogênea, em comunhão, só prevalece no que se refere ao sentimento de prazer genuíno que subsiste dentro de seus pequenos núcleos, funcionando como uma turma,

mas não no seu todo, que é estruturado. Há, portanto, nessa modalidade de massa festiva, uma estrutura que sustenta a *communitas*.

Se, contudo, ampliamos o panorama, estendendo-o para os carnavais dos clubes e bailes populares, então encontramos a pura massa festiva, espontânea, agregada com liberdade de movimentos e evolução, sem tempo preciso, o que sugere, além da oposição entre *communitas* e estrutura, entre festa e espetáculo, entre brincar e exhibir, entre ver e atuar. Os primeiros estão sempre livres para ir e vir, sem preocupar-se com o movimento exato, espaço ou com o tempo, que é o tempo de duração da festa; enquanto os outros se rendem ao cronômetros e coreografias.

Essa descaracterização de uma das modalidades de Carnaval como a pura *communitas* também pode ser atribuída ao resultado do processo de evolução, marcado por etapas que se superam. Nessa ótica, segundo Victor Turner, a *communitas*, que é tão transitória quanto fenômenos liminares, foi superada e transformada em estrutura. Sendo assim, o surgimento de uma estrutura dentro de uma massa festiva pode ser analisado como uma consequência da repetição do evento e sua evolução ao longo do tempo. É, também, um mecanismo de adaptação ao processo de comercialização do Carnaval.

141

CONCLUSÃO

Essas aglomerações de pessoas, estáticas ou em movimento, abertas ou fechadas, em ataque ou comunhão, marcam a imersão profunda do sujeito na massa, o que leva à perda momentânea da consciência individual em favor da vontade coletiva. Esse estado provisório é inexoravelmente dominado pela paixão, que é o sentimento que impera nas formações de massa, que têm uma força ímpar, que as conduzem a desfechos variados. Uma massa pode estar localizada numa manifestação de protesto, lançando-a ameaçadoramente contra um alvo, mas também pode estar presente na disputa por uma classificação dentro de um Grupo Especial num Desfile de Escolas de Samba. Com isso, podemos dizer que as pessoas que compõem uma massa, que é tão transitória quanto um ritual de passagem, são movidas por um sentimento comum, que as conduzem ao êxito pelo alcance de uma meta, que pode tanto ser o desfrute do prazer do convívio comum, quanto a luta, revolta e indignação durante um ato de protesto. Seja qual for a motivação da massa, o certo é que após um determinado período ela se dispersa ou é dispersada, por meios mais ou menos violentos, de acordo com sua disposição. Uma vez formada, ela assume uma vida própria e a única forma de imobilizá-la involuntariamente, antes do término do evento, é a contenção ou a dispersão, cuja forma varia dependendo do propósito de sua constituição. A massa é uma força que está presente, temporariamente em todos os momentos do cotidiano.

Seguindo literalmente a definição de Elias Canetti, a massa festiva movida pelo prazer deveria enquadrar-se no que Victor Turner define como

communitas, no sentido de comunhão, de harmonização do grupo homogeneizado. Contudo, quando analisamos um evento de massa popular tradicional de grandes proporções, como o Carnaval, observamos que, na sua evolução ele pode apresentar variações que trazem, para dentro dele, uma estrutura. Na análise específica desse ritual encontramos, então, uma massa festiva que pode comportar-se de duas formas: a) como a da genuína communitas presente no interior das alas, nos grupos dos bailes, fechados ou abertos, onde não há posições de maior ou menor destaque, na festa; b) como a estrutura que viabiliza a realização de uma superprodução. Conforme Maria Laura Cavalcanti (1994), a perda da atmosfera da communitas se dá, dentro da massa festiva carnavalesca, quando ela deixa de ser apenas uma festa popular para tornar-se um espetáculo, quando ocorre a comercialização da festa como produto de exportação. Podemos dizer, então, que a racionalização extingue o potencial espontâneo da massa.

NOTAS

1 A passagem de um mundo para outro é marcado por mudanças no comportamento, que criam condições para que esses momentos sejam considerados especiais, como festas e solenidades.

2 Para entendimento do significado de tempo cósmico podemos contrapô-lo ao tempo histórico. Nesse sentido, o Carnaval é realizado nos três dias que antecedem a Quaresma (domingo, segunda-feira e terça-feira) enquanto o desfile do Dia da Pátria, por exemplo, que está classificado dentro do tempo histórico, é realizado especificamente no dia 7 de setembro, marco da Independência do Brasil.

3 Os bastidores do carnaval compreende uma rede de serviços que comporta, desde operários que trabalham na construção de alegorias e confecção de fantasias, até o ensaio de componentes que se dividem por ala.

Referências Bibliográficas

CANETTI, Elias (2005) *Massa e Poder*. São Paulo: Companhia das Letras

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro (1994). *Carnaval carioca: dos brasileiros ao desfile*, Rio de Janeiro: UFRJ, MinC/Funarte.

DA MATTA, Roberto (1973) *Ensaio de Antropologia Estrutural*. Petrópolis: Vozes.

_____. (1983) *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Brasiliense.

TARDE, Gabriel (1992) *A Opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes.

TCHAKHOTINE, Serge (1967) *A mistificação das massas pela propaganda política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A

TURNER, Victor (1974) *O Processo Ritual*. Petrópolis: Vozes.